

## **Envelhecimento e identidade no Brasil pós-1980**

Ana Maria Marques – PPG-UFSC/UNIVALI

Quando falamos em envelhecimento é importante identificar os sujeitos, suas trajetórias de vida, seus contextos sociais. Talvez não devamos falar de velhice, mas de velhices ou envelhecimentos. Como diz Guita Grin Debert: “As novas imagens do envelhecimento são, sem dúvida, expressão de um contexto marcado por mudanças culturais que redefinem o modo de construção das identidades.”<sup>i</sup> Esta autora ressalta que estas mudanças não trouxeram uma atitude mais tolerante em relação às idades, pelo contrário, há uma forte valorização da juventude que aciona fortes mercados de consumo e transforma a velhice em uma responsabilidade individual. Conclui:

“Engolidos pelas concepções autopreservacionistas do corpo, os gerontólogos têm agora como tarefa encorajar os indivíduos a adotarem estratégias instrumentais para combater a deteriorização e a decadência. Afinados com a burocracia estatal, que procura reduzir os custos com a saúde educando o público para evitar a negligência corporal, os gerontólogos abrem também novos mercados para a indústria voltada para o rejuvenescimento.”<sup>ii</sup>

Não quero tomar este alerta da antropóloga Debert, como uma crítica pejorativa aos gerontólogos, mesmo porque alguns aqui serão meus co-autores. Nesta trama discursiva que constitui estas novas identidades etárias (porque são marcadas pela idade), preocupa-me perceber as redes de solidariedade, os jogos de poder que incluem e/ou excluem, os interesses econômicos e outros fatores que, especialmente a partir da década de 1980, alteraram entendimentos (e mesmo estereótipos) sobre a velhice.

Com a ajuda de Philippe Ariès, é bom lembrar que categorização da vida em fases na modernidade acabou por estigmatizar o velho – última fase neste ciclo de vida. Ariès, ao tomar o modelo da França, diz que cada época privilegiou uma etapa etária da vida humana: o século XVII, a “juventude”; o século XIX, a “infância”; e o XX, a “adolescência”. Ele coloca que aquela imagem do ancião decrépito do século XVII ou do respeitoso patriarca burguês do século XIX desapareceu no século XX. No francês falado, lembra Ariès <sup>iii</sup>, “a velhice desapareceu”, pois não se utiliza mais a expressão *un vieux* (um velho), esta subsiste como uma gíria ou com um sentido pejorativo. Podemos fazer a mesma reflexão para o Brasil. Na França, é mais freqüente utilizar a expressão *personne âgé*, o que para nós seria sinônimo de idoso, pessoa de (mais ou muita) idade.

Mesmo que este sentimento burguês do qual fala Ariès não tenha sido compartilhado em todas as organizações sociais, vale ressaltar que as preocupações com a infância relegaram ao velho um lugar inferior na escala de preocupações vitais na modernidade. O velho passou a ser visto como ultrapassado, obsoleto ou objeto de museu que deveria ser conservado por respeito. A modernidade conferiu à juventude a tarefa de construir a sociedade, impulsionar o crescimento econômico. Tanto que o Brasil da década de 1960-1970, momento de grande impulso industrial, era um país jovem e os jovens eram considerados “o futuro do país”. O velho então, representava o passado, quando muito, conservado nos museus asilares do assistencialismo. A cidadania do velho do Brasil “desenvolvimentista”<sup>iv</sup> estava na conquista da aposentadoria que era entendida, naquele momento, como resultado de uma vida de trabalho - urbano e assalariado – pois ainda não incluíam-se os trabalhadores rurais e trabalhadoras domésticas (as chamadas “donas de casa”) . A fase adulta, então, tornou-se sinônimo de produtividade e, de modo geral, o que estava fora da escala de produtividade caía na esteira da marginalidade, da exclusão social.

Analisando dados quantitativos<sup>v</sup>, o IBGE apresenta números que mostram que, em 1980, as mulheres tinham uma expectativa de vida até os 65 anos de idade, enquanto os

homens viviam até os 58,6 anos de idade, em média. Considerando as convenções da ONU que fixam a idade de 60 anos como marco inicial a partir do qual se deve considerar um indivíduo idoso, podemos concluir que dificilmente os homens chegavam a envelhecer, ou seja, há uma forte incidência do gênero nas questões da velhice. Em 2000, os dados mostram que as mulheres passam a viver ainda mais que os homens, proporcionalmente, este diferencial aumentou para 8,7 anos, resultado da queda da fecundidade e da mortalidade. Sob este contingente etário, pesa a proporção não só de mulheres, mas também de raça (considerando o que o foi classificado como “composição por cor”: “brancas”, “pardas”, “negras” e/ou “outras”). Não querendo entrar na análise subjetiva das questões étnico-identitárias, só vou pinçar um dado: em 2000, entre oito milhões de mulheres idosas, cerca de cinco milhões eram “brancas”. Isto remete às condições sócio-econômicas que permitem algumas pessoas viverem mais e melhor (considerando o que se convencionou chamar de “qualidade de vida”) do que outras. Ou seja, pobres e miseráveis vivem menos.

Ana Amélia Camarano atribui a três fatores o fato de a mulher idosa estar vivendo mais e melhor: a ampliação da cobertura previdenciária, o maior acesso aos serviços de saúde e o crescimento da tecnologia médica. Tais fatores aparentemente “beneficiaram” a mulher, pois ela, ainda, aposenta-se mais cedo que os homens e pode acumular pensão por viuvez (e é bem maior a proporção de viúvas do que de viúvos), por exemplo. Entretanto, seus “benefícios” são de valores mais baixos do que os dos homens, pois refletem a precariedade da condição feminina no mercado de trabalho.

A Seguridade Social, ainda que precária, permitiu maior mobilidade social às mulheres idosas. Elas apresentam uma tendência maior a viver sozinhas, em relação aos homens. Esta tendência não tem a ver com solidão ou abandono, necessariamente, nem mesmo com perda de vínculos familiares. O depoimento de D. Olga Schmitt, colhido em 2003, exemplifica esta evidência. Aos 83 anos de idade, morando “só”, no interior do Rio Grande do Sul, ela diz: “eu estou acostumada a fazer minha comida, arrumar minha casa, minhas roupas, isso é atividade

e, também, tenho mais oportunidade de sair. (...) os filhos nem sempre têm tempo, mas quando eles sabem: ah, hoje a mãe está lá, tem um programa lá. Então, ficam contentes.” A fala de Dona Olga remete a um conjunto de dinâmicas que tiraram um certo estigma da velhice. Ao contrário do binômio moderno velhice/improdutividade ou inatividade, ela está inserida neste movimento que rompe a fixidez deste estereótipo, mostrando que envelhecer é ter atividade, autonomia. Junto com suas amigas, casais de amigos, Dona Olga, como milhares de mulheres pelo Brasil afora, buscam em programas associativos, novos sentidos às suas velhices. Podemos sim, considerar, que há um “perigo” de negação da própria velhice, como denuncia Debert, quando diz que: “(...) esse compromisso da sociedade com o envelhecer positivo leva a um conjunto de práticas que, ao oferecer oportunidades constantes para a renovação do corpo, das identidades e auto-imagens, tende a encobrir os problemas da idade mais avançada”<sup>vi</sup>. Dona Olga está inserida no contingente considerado em “idade mais avançada” (com 80 anos ou mais), no entanto, é seu “estilo de vida” que permite a ela mesma não se identificar como “velha”. Na pesquisa que Debert fez com homens idosos, foi a perda da lucidez o fator apontado por eles como indicador da velhice. O que faz considerar o “lúcido” entrevistado ser “velho” sempre o outro, independente de ter ele menos ou mais idade. Na minha observação e estudo, não vejo que esta conclusão possa ser diferente para as mulheres – isto me faz lembrar as várias vezes quando muitas idosas, e eu mesma repetíamos: a velhice está aqui (apontando para a cabeça).

Este movimento associativo que cresceu significativamente a partir da década de 1980, agregando idosos, contribuiu, entre outras coisas, para dar visibilidade às mulheres. Não que elas não estivessem se reunindo fora do espaço doméstico e/ou de trabalho antes. Muitas das mulheres que fundaram grupos denominados de “terceira idade” ou “melhor idade” (para citar algumas denominações), já militavam em movimentos de igreja e de voluntariado. A filantropia, o “ajudar os outros” sem pedir algo em troca, foi quase que “naturalmente” entendido, durante

muito tempo, como uma função feminina e também por isso, não era muito importante falar ou escrever sobre o assunto.

Esta visibilidade da mulher também esteve associada a ela fazer coisas, publicamente, que antes não era comum ao seu comportamento, como, por exemplo: dançar e viajar. Mesmo que incentivadas por profissionais, especialmente do Serviço Social, elas escandalizaram. Ridicularizadas, infantilizadas, assanhadas ou outras formas como foram interpretadas, foi assim que as idosas conquistaram espaços de visibilidade (pública e de si mesmas).

Dona Neuza Mendes Guedes, em depoimento a mim concedido em 7 de março de 2003, conta que em 1980 foi trabalhar no curso de Serviço Social na Universidade Federal de Santa Catarina e no ano seguinte iniciou o trabalho que resultou na criação do NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade). Desde 1976, quando trabalhou numa pesquisa para levantar a situação do idoso em Santa Catarina a pedido do Ministério, o diagnóstico de precariedade da situação do idoso e até mesmo de como coletar informações sobre estes para levar a um seminário nacional, suscitou uma série de questões levadas a cabo quando Dona Neuza iniciou seu trabalho na universidade:

“(...) a universidade precisava responder essa formação de recursos humanos para essa área – sempre estava na minha cabeça aquilo, mas era uma época de greve aqui dentro. Até que em 81 eu liguei para a Lúcia [Hisako Takase Gonçalves, enfermeira e também professora da UFSC] e propus: vamos tentar pedir para a universidade um espaço para gente discutir isso, e ela acatou, aceitou e nós duas fomos com a cara e a coragem pedir esse espaço dentro da universidade para discutir a questão da gerontologia, que era totalmente desconhecida. O Serviço Social trabalhava com o velho, mas ninguém estudava o velho. Na Psicologia não se estudava a velhice. Nenhum setor aqui estudava a velhice.”

Rememorando 1977, Dona Neuza conta que o “pessoal do Serviço Social foi malhado” pelos jornais que mostraram os idosos dançando no calçadão – “a lenha foi brava nos profissionais”. Segundo Dona Neuza, os jornais culpavam estes profissionais por ridicularizarem

os idosos. Ela mesma se defende dizendo que os próprios idosos teriam revelado em pesquisa feita pelo SESC (Serviço Social do Comércio) que a diversão que mais gostavam era a dança. De fato, o jornal de maior circulação em Florianópolis naquela época, “O Estado” de 24/09/1977, trouxe como matéria de capa, com grande foto dos idosos, na maioria mulheres, a notícia do “baile do vovô” no calçadão da Rua Felipe Schmitt, no centro da cidade, em comemoração à Semana do Idoso. A manchete anunciava: “Os velhinhos dançaram no calçadão e deram aos jovens uma lição de otimismo”. A reportagem não fala diretamente do “ridículo”, mas são as fotos e a sutileza do texto que acabam por provocar o riso, a zombaria.

Marília Celina Felício Fragoso, então presidente da Associação Nacional de Gerontologia, assistente social também, foi uma das propulsoras do movimento da dança sênior em Florianópolis, seu testemunho (entrevista concedida em 17 de maio de 2005) revela uma outra faceta do “ridículo”: “Tentei levar os homens também para participarem, mas não aceitavam. Blumenau, Joinville, os homens dançam com mais naturalidade. Onde existe origem alemã, acho que eles são mais liberais. O florianopolitano, ele é muito engraçado, gosta de zombar do outro e aí, dançando ele está se expondo e pode estar sujeito ao ridículo.” De fato os grupos de dança sênior estão em maior número e há mais tempo organizados em áreas de colonização alemã: Joinville é considerada pioneira.

A dança, as organizações associativas de idosos na década de 1980 e 1990 foram crescendo com o apoio destes profissionais ligados à área social (Serviço Social, especialmente e principalmente), à área de saúde (como confirmação dos resultados terapêuticos das atividades físicas), incluindo professores de Educação Física e fisioterapeutas. Este debate multidisciplinar forjou o crescimento da Gerontologia como uma ciência que estuda os fenômenos sociais do envelhecimento, separada da Geriatria que, embora estude também a velhice, preocupa-se mais com as questões patológicas.

O Estado de Santa Catarina teve fundamental importância neste processo de construção de identidades na velhice. Vários grupos, entidades, associações, organizações

(governamentais e não-governamentais), pessoas, constituíram e constituem esta rede discursiva que conferiu ao idoso(a) a cidadania. Esta visibilidade, não só por conta do alarmante crescimento populacional desta faixa etária, mas por conta de nossas próprias inquietações de nos vermos envelhecendo numa sociedade que ainda estigmatiza certas etapas da vida, ajudou a fomentar “políticas públicas” (e nunca se ouviu tanto falar delas no que se refere ao envelhecimento).

Muitas lideranças ou pessoas que trabalharam com questões relacionadas ao idoso neste Estado, ajudaram a alavancar projetos que se tornaram referenciais para todo o Brasil, como a já citada Marília Fragoso e o Sr. Marcos Wandresen, que já representou o Conselho Estadual do Idoso e trabalhou na Confederação da Agricultura ajudando a criar o Funrural no Brasil. Ele contou-me, aos 72 anos de idade, no dia 10 de maio de 2005:

“Você nem imagina a minha felicidade por ter ajudado a construir o Funrural e quando assisti a primeira entrega da primeira aposentadoria, como reconhecimento. (...) Eu tenho muito a agradecer a Deus, agradecer ao Funrural. Com essa ajuda de construção do FUNRURAL no país inteiro, eu recebi um presente: um hospital inteirinho para Rio Fortuna. Para Florianópolis, o Funrural enviou todo o equipamento para instalar o hospital universitário, então, todo o hospital foi equipado para atender o meio rural de Santa Catarina e os pequenos municípios. São conquistas!”

O depoimento acima nos dá uma noção das variantes que articulam poderes e conquistas – a linha tênue que revela favores e favorecidos, sem por isso deixar de lado uma possibilidade de olharmos quem fala, por que fala assim e para quem fala. Sr. Marcos, fez questão de dizer que sua história começava lá na “infância feliz” em Rio Fortuna, descendente de holandeses e alemães, teve “vida familiar intensa e vida comunitária” além de “professores com nível superior, mandados da Alemanha para ensinar”, depois vida de seminário e vida pública assumindo a administração da prefeitura do recém emancipado município de Rio

Fortuna. Assumiu vários cargos públicos, várias participações como liderança pública – um ponto que liga-se a várias tramas da rede.

Na perspectiva de Michel Foucault<sup>vii</sup>, o papel do historiador é fornecer instrumentos de análise que permitam localizar onde estão os pontos frágeis, fortes a que estão ligados os poderes e onde eles se implantaram. Para o autor, as redes de poder se formam no nível mais elementar do cotidiano. Por isto, é preciso estar atento à rede que cria e mantém identidades.

---

<sup>i</sup> DEBERT, G.G. Envelhecimento e curso da vida. **Revista de Estudos Feministas**. Vol. 5., n.1, 1997.p.127.

<sup>ii</sup> DEBERT, G. G. Op.cit..p. 127-128.

<sup>iii</sup> ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981. p. 48.

<sup>iv</sup> Mara Rubia Sant’Anna trabalha estas questões no seu livro: **O velho no espelho: um cidadão que envelheceu**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

<sup>v</sup> Todos os dados quantitativos apresentados aqui, são retirados do trabalho de Ana Amélia Camarano, professora e pesquisadora em estudos populacionais da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, parte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). In: “Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança?” *Revista Estudos Avançados* 17 (49), 2003.

<sup>vi</sup> DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**. 2.ed. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004.p.22.

<sup>vii</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.